

Edgar Morin

A nova condição humana

A Biologia e a Internet estão a criar um outro Homem

EMÍLIA CAETANO

Recusa fazer previsões. Quem imaginaria que a URSS acabava antes do final do séc. 20? Nem mesmo ele, que foi expulso do Partido Comunista Francês, aos 30 anos, por críticas ao estalinismo. Para analisar a realidade, lança um apelo ao «pensamento complexo». É a sua forma de resistir ao que designa como o «culto do imediato», promovido pelos *media*. Esteve em Portugal para pensar o milénio, a convite do Centro Nacional de Cultura

VISÃO: Diz que devemos rever de dez em dez anos as nossas ideias sobre o mundo. As suas mudaram muito?

EDGAR MORIN: No final dos anos 80, os acontecimentos marcantes foram a queda do Muro de Berlim e a implosão do império soviético. Estávamos a entrar num novo começo. Depois, houve os avanços da Biologia e desenvolveu-se com a Internet o que chamo a rede neurocerebral artificial, que abre perspectivas completamente novas, e não apenas para a economia. Mas, durante este período, o mercado mundial construiu-se sob a égide do liberalismo. Mesmo quem se alegrou com a queda do Muro, como eu, levou tempo a dar-se conta de como esse sistema se implantara e criava um grande problema para a Humanidade. Este mercado não tem força regulamentadora, para assegurar que os seus efeitos civilizadores são mais que os destrutivos.

V.: E era previsível alguém como Haider num governo europeu?

E.M.: Um pouco por toda a Europa, há movimentos que jogam no conservadorismo, nos reflexos anti-imigrantes, por vezes com tom anti-semita. Haider é um problema global. Mas não deve falar-se demasiado depressa em nazismo, porque ele defendeu alguns aspectos económicos da Alemanha hitleriana. Isso é diferente de ser nazi, de ter uma organização estruturada sob a forma de um partido totalitário, o que não é ainda o caso. Mas representa um aviso a uma Europa com dificuldade em ter uma política de integração do imigrante.

V.: A resposta da Europa foi adequada?

E.M.: Francamente não sei, porque há uma

contradição. Penso que não podemos boicotar a Áustria, porque o partido de Haider pertence a um governo e aceitou os princípios democráticos constitucionais. Toda a política de boicote, designadamente cultural, é malvinda. Mas trata-se, sem dúvida, de uma questão delicada. É bom que a Europa manifeste a sua inquietação, sem dar a ideia de que são apenas palavras ao vento. E também sem parecer que está atenta à Áustria, para esconder a falta de vigilância sobre o cancro da Chechénia.

V.: Diz que o processo de desagregação a Leste pode não ter terminado. O que receia?

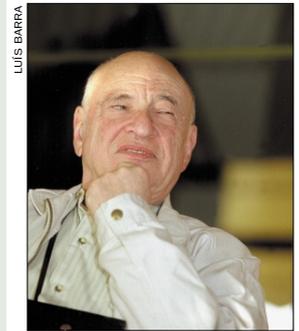
E.M.: Quero dizer simplesmente que há fenómenos de desintegração. O que aconteceu no Kosovo vê-se agora na Chechénia. E também aqui não podem fazer-se previsões. Mas verifica-se que, quando houve processos de colonização muito duros, que envolveram povos com culturas e religiões diferentes, como aconteceu aos chechenos, há um ciclo de ódio e *vendetta*, que não consegue extinguir-se. Podem reencar-se fenómenos como uma nova forma de autoritarismo na Rússia. O caso de Putine é muito fascinante.

V.: Porquê?

E.M.: Trata-se de uma personagem misteriosa. Era membro do KGB e tornou-se chefe dos novos serviços secretos, o que revela, sem dúvida, uma tendência para resolver os problemas através da autoridade e da polícia. Mas também estas pessoas podem mudar e entrar numa via reformadora. O curioso é que sempre houve, na União Soviética, um conflito entre o chefe do partido e o do KGB. E existiu ciclicamente a tendência para o ex-chefe da polícia secreta vir para o poder, com um rosto reformador, de quem quer ser eficaz, e um rosto autoritário. Como irá evoluir Putine? Em que medida a guerra da Chechénia serviu para uso interno? Há ainda muitos enigmas e devem temer-se tempestades. É certo que a produção na Rússia está a relançar-se, mas há que ver se o domínio das mafias instaladas no poder vai cessar.

V.: Diz que o destino da Chechénia está ligado ao da Rússia, porquê?

E.M.: A Chechénia foi uma conquista do império russo. Tornou-se numa república da ▶



LUIS BARREA

Investigador do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS), em Paris, sociólogo de formação, continua a ser, aos 79 anos, um dos principais pensadores europeus. Tem editadas várias obras entre nós, casos de *O paradigma perdido* ou *Os meus demónios*. O Governo português acaba de condecorá-lo pelo seu trabalho na área da Educação

“
A Internet
é o que chamo
a rede
neurocerebral
artificial”
”

**Edgar
Morin**

“
Depois
do episódio
do euro,
não se fez nada
em comum.
Estamos numa
situação
de estagnação
europeia
”

União Soviética, mas Estaline deportou chechenos durante a Segunda Guerra Mundial. Agora, a guerra na Chechênia tem o rosto de uma guerra da independência. Ora, a Rússia tem interesses geostratégicos, petrolíferos, para controlar a Chechênia. É um ninho de víboras. Trata-se, assim, de um elo trágico. Devia haver uma nova fórmula confederativa entre a Rússia e a Chechênia. Mas, no clima actual de guerra, é difícil de encontrar.

V.: Os valores europeus podem sobreviver à globalização?

E.M.: Claro. Quanto mais há fenómenos de homogeneização, mais surgem contracorrentes que resistem a isso. Em França, por exemplo, houve tendências dessas, nos anos 60, e muitas regiões, como a Bretanha, levantaram-se para salvar a sua cultura, a sua identidade. Mas será que essas resistências conseguirão unir-se? Espero que sim, antes de mais a nível europeu, porque cada país é uma excepção cultural. E, depois, devem unir-se a nível mundial. Seattle, para mim, foi uma resposta mundial a um problema mundial.

V.: Acha possível uma federação europeia?

E.M.: Desejaria que sim ou, pelo menos, uma confederação, o que já daria uma certa unidade política. Mas estamos numa situação de estagnação europeia. Depois do episódio do euro, não houve novo salto qualitativo, não se pensou em realizar alguma coisa de comum, no plano político ou diplomático. A nível militar, houve algum esforço depois dos acontecimentos no Kosovo. A Europa deu-se conta de que não pode estar dependente dos EUA, o que é importante. Mas, no plano político, o Parlamento de Estrasburgo não tem poderes. As coisas não avançam. Diria mesmo que a entrada de novos países na União Europeia representa ao mesmo tempo um progresso e um perigo.

V.: Porquê?

E.M.: É um progresso, porque a Europa não inclui só os países ocidentais, obviamente. Mas será também um perigo, se não se encontrar uma fórmula suficientemente forte, que permita decisões por maioria qualificada e não por unanimidade. A Europa ficaria completamente impotente. Há alguns meios que são favoráveis ao alargamento, porque abre novos mercados. Mas a Europa não encontrou ainda a sua fórmula de integração verdadeira. E os grandes europeus, os chefes de Estado e de governo que queriam unificar a Europa, desapareceram. Mitterrand morreu, Kohl acabou politicamente e quem os substituiu não tem a mesma experiência. Os mais activos são os países do Sul, como Portugal e Espanha, porque

viram a oportunidade de entrar num mundo de mais bem-estar. São eles que podem ter um papel de revitalização da Europa.

V.: Uma das questões que se debate no continente europeu é a reforma do ensino. Analisa essa questão no seu livro *La tête bien faite*...

E.M.: A forma como se ensina a conhecer e a pensar assenta na separação e na especialização. Aprendem-se muitas coisas, mas perde-se o que liga as coisas separadas. A reforma deve incluir também o ângulo global. Há que ir das partes ao todo e do todo às partes. É uma das bases. Estamos numa época planetária, devido à mundialização. O planeta devia ser objecto de estudo, antropológico, ecológico, etc. As várias ciências têm algo a dizer sobre a condição humana, mas tudo isso está disperso.

V.: Que explicação tem para os recentes crimes em escolas dos EUA?

E.M.: Há muitas razões misturadas para a violência. Já a psicanálise fala no desejo de morte das crianças. Quando elas estão zangadas com os pais, dizem: oxalá que eles morram. Mas não sabem do que estão a falar. Vêm a morte como nos desenhos animados, em que as pessoas ressuscitam. Para compreender a ideia de morte é necessário um espírito mais evoluído. Quando as pulsões agressivas não são contidas por um processo normal, declaram-se. E isso está a acontecer cada vez mais cedo. Todos os inquéritos revelam que o cinema e a televisão não são as causas originárias da violência, mas ajudam, dão modelos.

V.: Fala na luta de classes dos subúrbios entre professores e alunos. É outra explicação para a violência?

E.M.: Acho que a desintegração interna que está a verificar-se nas nossas sociedades é muito maior nos subúrbios. Há famílias desenraizadas, crianças sem pai, uma economia de droga, marginalização, *ghetização*. Os adolescentes reconstituem uma forma de clã primitivo, que é o *gang*, com a sua lei, o seu território e a sua economia, que assenta no roubo. Há todo um movimento que precisa de uma reforma social profunda.

V.: Como vê a sociedade de informação?

E.M.: Deve antes falar-se no complexo informação-comunicação-computação. Há cada vez mais ordenadores a tratar a informação. E o que se desenvolve é essa espécie de rede, que é como um sistema nervoso artificial. Ora, o problema da informação é que precisa de ser organizada para ter essência. Como há todos os dias uma chuva de informação, a da véspera é esquecida, dissolve-se. A informação só guarda o seu sentido, quando é contextualiza-



da. Faltam hoje teorias, concepções do mundo, porque as informações só por si provocam sobrecarga, *overload*. Temos de saber lidar com este aspecto do nosso futuro histórico, que passa pela conjugação da Ciência e da Técnica, com a indústria, o capitalismo, o lucro. São as várias faces deste universo.

V.: A sociedade de informação é inimiga do «pensamento complexo»?

E.M.: A informação isolada é o contrário da complexidade. Fica-se por unidades separadas, pelo binário *yes or no*. A complexidade analisa as coisas em conjunto. Precisa de informação, mas tem necessidade de a integrar, de a pensar.

V.: Diz que a Internet não é só um meio de comunicação, mas um problema antropológico planetário. Como?

E.M.: A humanidade pré-histórica criou instrumentos, que eram prolongamentos da sua actividade. Depois, surgiram as máquinas. Entre os séculos 19 e 20 elas modificaram, em parte, o destino humano, através da domesti-

cação de energias materiais. O problema da informática é que vai transformar o destino humano, por uma relação nova não só com a máquina, mas também com a inteligência artificial. É esse o grande problema. Iremos domesticar as inteligências artificiais ou irão elas domesticar-nos?

V.: Como imagina o homem do novo milénio? Muito diferente dos seus antecessores?

E.M.: Há três coisas que vão aparecer. Antes de mais, a comunidade de destino do género humano, que está sujeito, em toda a parte, às mesmas ameaças, ecológicas, nucleares, económicas ou à droga. Se o Homem não ganhar consciência da sua comunidade de destino, será a catástrofe. Por outro lado, o hiperdesenvolvimento da técnica criará, como disse, uma nova relação entre os humanos e as máquinas, tornadas inteligentes. A terceira diferença será a possibilidade de intervir sobre a vida, sobre os nossos genes, os nossos órgãos. Pela primeira vez, a condição humana está talvez em vias de se modificar de forma extremamente importante. ■



**A informática
vai transformar
o destino
humano.
Iremos
domesticar
as inteligências
artificiais ou irão
elas
domesticar-nos?**

